O Teste Psicológico



心理試験

江戸川乱歩

EDOGAWA RANPO

LITERA

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

O Teste Psicológico

Título original
心理試験 (Shinri Shiken)

Ranpo, Edogawa, 1894 — 1965
R211tO Teste Psicológico — Contos de Akechi Kogoro #2 /
Edogawa Ranpo ; tradução de Victor Ferreira, 2022. — Rio de
Janeiro: LITERA, 2022.

Tradução de: 心理試験

I. Literatura japonesa. II. Título

CDD: 895.6
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

SUMÁRIO

Parte 1
Parte 2
Parte 3
Parte 4
Parte 5
Parte 6

Parte 1

Eu não saberia dizer o porquê de Fukiya Seiichirou ter as ideias terríveis que estou prestes a escrever e, mesmo que soubesse, não seria muito importante. Após ser aceito em certa universidade apesar da dificuldade financeira em que se encontrava, ele foi levado a considerar um crédito estudantil. Detentor de um talento incomum e extremamente estudioso, aceitou, a muito contragosto, entediantes trabalhos de meio período a fim de conseguir o tal crédito e, em contrapartida, ficou sem tempo para seus amados livros e pensamentos. Mas, não posso evitar perguntar-me se isto é o bastante para que um humano cometa tal crime. Talvez ele seja um criminoso nato que vivia a reprimir alguns de seus desejos. De qualquer forma, meio ano se passou desde que tais ideias começaram a pairar em sua mente e, nesse meio tempo, ele esteve perdido, pensando e ponderando até que, por fim, decidiu fazê-lo.

Em algum momento, ele tornou-se íntimo de Saitou Isamu, um colega de classe. Foi então que tudo começou. A princípio, esta não era sua intenção. No meio do caminho, entretanto, ele aproximou-se de Saitou com uma ideia vaga que, aos poucos, começava a tomar forma.

Há aproximadamente um ano, Saitou vive em um quarto alugado em uma solitária área residencial próxima à montanha. A dona do estabelecimento era a viúva de um oficial do governo, já uma senhora de 60 anos, que faturava com o aluguel das casas deixadas pelo finado. Apesar de viver de forma confortável, ela não fora abençoada com filhos, “Eles só fazem gastar mais dinheiro”, é o que costuma dizer quando dá um pouco de dinheiro a uma conhecida, apesar de querer poupar um pouco mais. Os motivos que a levaram a alugar o quarto para Saitou é que considerava descuidado uma mulher morar sozinha e, ao fazê-lo, ainda poderia aumentar sua renda mensal com o valor do aluguel. Não muito

surpreendente, a mulher tem a mentalidade sovina de guardar grandes quantias de dinheiro em um local secreto da casa, enquanto faz depósitos menores em bancos.

Surge então a tentação pelo dinheiro. “Se aquela velha tem tanto dinheiro, ela deve servir de algo. Não seria uma atitude racional investir em um jovem com um futuro brilhante como eu?” Em suma, tal era sua teoria. Partindo desse princípio, ele tentou chegar à idosa através de Saitou a fim de descobrir o esconderijo desta fortuna. Ainda assim, foi apenas quando Saitou disse que uma vez vira o esconderijo por coincidência que ele tomou uma decisão.

— Devemos admitir que ela é esperta. Geralmente, o esconderijo seria sob o piso ou no porão, mas a escolha dela é uma novidade para mim. Tem um vaso com um grande bordo japonês naquele *toko-no-ma*[1]. Está no fundo daquele vaso. Este é o esconderijo. Não importa que tipo de ladrão você seja, provavelmente não imaginaria que havia dinheiro dentro de um vaso de plantas. Aquela velhinha é, digamos, um gênio dentre os sovinas.

Saitou achou a colocação engraçada.

A partir deste ponto, as ideias de Fukiya tornaram-se mais concretas. Após pensar em todas as formas de furtar o dinheiro da senhora para pagar seu crédito, ele começou a analisar qual seria a mais segura. Era uma tarefa mais difícil que parecia. Uma complexa equação matemática não era nada comparada a isto. Portanto, a fim de evitar contratempos, ele passou meio ano traçando seu plano.

A dificuldade, obviamente, estava em como evitar a punição. Obstáculos éticos — como sua consciência, por exemplo — não seriam um problema. Seu objetivo não era cometer um assassinato grandioso, apenas sacrificar a velha a fim de desenvolver seus talentos — os talentos de um jovem digno de tanta admiração quanto o próprio Napoleão. Em seu ponto de vista, isto era um desenvolvimento lógico.

A idosa raramente saía de casa. Ela havia passado o dia inteiro no *washitsu*[2] nos fundos e, mesmo quando saía, uma empregada caipira observava a sala sob suas ordens. Apesar dos esforços de Fukiya, não havia brechas em sua cautela. A princípio, Fukiya pensou em enganar a empregada quando Saitou e a idosa não estivessem em casa e pegar o dinheiro, mas logo descartou a

ideia como arriscada. Se ele fosse a única pessoa na casa, mesmo que por um instante, isso não seria o bastante para torná-lo um suspeito? Ele passou um mês pensando e repensando tais planos estúpidos, chegando a considerar cenários como incriminar Saitou, a empregada ou um ladrão qualquer, ou aproveitar enquanto a empregada dormia à noite e, sem fazer um ruído sequer, roubar o dinheiro, ou fazê-lo enquanto a velha dormia. Nenhum deles serviam. Não importa o quanto pensasse, sempre surgia a chance de ser pego.

Fukiya finalmente chegara a uma terrível conclusão: não havia outra escolha senão livrar-se da velha. Ele finalmente chegara a esta terrível conclusão. Ele não sabia exatamente quanto dinheiro exatamente ela possuía, mas, analisando a ideia em si, imaginava que não era uma quantia alta o bastante para deixá-lo obcecado em assassiná-la. Não seria muito cruel matar um humano inocente apenas por dinheiro? Ao mesmo tempo, mesmo que não seja uma quantia suficiente para resolver todos os problemas do mundo, seria o bastante para satisfazer alguém pobre como Fukiya. O que o perturbava não era quanto obteria, e sim a possibilidade de ser descoberto. Portanto, não importa o que tenha que sacrificar, no fim, seus esforços dariam frutos.

A princípio, assassinato parece um trabalho mil vezes mais perigoso que um simples roubo, porém, não é exatamente o caso. De fato, quando se trata do planejamento, assassinato é o mais complexo dentre os crimes. Mas, se considerarmos as chances de ser descoberto durante o ato, é bem mais provável que ocorra durante um roubo (especialmente no caso de Fukiya, por exemplo). A maior das preocupações em um assassinato consiste na crueldade necessária para livrar-se de quem descobrir. Mas, desde a antiguidade, pessoas já cometiam assassinatos sem recorrer à ajuda de terceiros. Na verdade, talvez eles não eram pegos justamente por causa de seus planos audaciosos.

Sendo assim, é possível haver algum problema em livrar-se da velha? Encarado por este dilema, Fukiya passou meses em busca de uma resposta. Durante todo este tempo, quais foram seus pensamentos? Como é algo que compreenderá conforme a história se desenrola, leitor, omitirei este fato por enquanto. De todo modo,

após muita análise, Fukiya elaborou um plano onde não sobraria pedra sobre pedra que indicasse sua culpa e não seria descoberto por pessoas normais.

Agora era só uma questão de tempo… foi o que esperava no, mas o momento chegou mais cedo que o imaginado. Um dia, Saitou estava resolvendo algo na universidade e a empregada saíra para fazer compras, estava confirmado que ambos não voltariam até o fim da tarde. Isto ocorreu dois dias após Fukiya terminar seu preparativo final. Tal preparativo (que devo explicar antes de prosseguirmos) consistia em confirmar se o dinheiro permanecia no mesmo esconderijo. Afinal, já se passara meio ano desde que ouviu de Saitou a respeito dele. Naquele dia (dois dias antes do assassinato da velha, isto é), quando teve a oportunidade de visitar Saitou, ele entrou na sala da velha pela primeira vez e teve uma longa conversa fiada com ela. Aos poucos, ele mudou o rumo desta conversa fiada e mencionou algumas vezes que havia um rumor que ela escondia uma fortuna em algum lugar da casa. Sempre que ele dizia a palavra “escondido”, observava discretamente os olhos da mulher. Como esperado, eles sempre se voltavam na direção do vaso (embora o bordo tenha sido substituído por um pinheiro). Ao repetir algumas vezes, Fukiya foi capaz de confirmar que, sem sombra de dúvidas, o dinheiro permanecia ali.

Parte 2

Finalmente, o dia chegou. Vestindo uma capa estudantil sobre seu uniforme e luvas comuns, Fukiya partiu para seu destino. Após muito pensar, optou por não usar um disfarce. Ao utilizar um, deixaria vestígios na loja onde o comprou, no local onde trocou de roupas e em muitos outros ao longo do caminho, facilitando a descoberta de sua ligação com o crime. Para ele, o método deveria ser o mais simples e direto quanto possível, a fim de evitar deixar rastros. Em outras palavras, ele deveria ser visto a caminho da casa. Mesmo que passasse próximo ao local, não seria um problema. Afinal, ele sempre caminhava pela área e, caso perguntado, poderia dizer que era o que estava fazendo. Além disso, se fosse visto por um conhecido no meio do caminho (algo que deveria ser levado em conta), seria melhor que estivesse usando o habitual uniforme e capa escolar, e não um disfarce. Mas, considerando que ambos Saitou e a empregada não estariam em casa até a noite, por que arriscar cometer o crime durante o dia? Bem, pelo mesmo motivo que optou por não usar um disfarce — evitar peculiaridades desnecessárias.

Ao parar diante da casa, Fukiya olhou para todos os lados tentando localizar possíveis ladrões, como de costume — não, talvez ainda mais fervorosamente. A casa da velha era cercada por uma sebe de cada lado e, nos fundos, a cerca de concreto da mansão de um milionário que continuava ao longo da rua. Por ser uma área residencial isolada, havia dias em que ninguém estava pelas ruas, mesmo durante a manhã. Quando Fukiya chegou, não havia sequer cães à vista. Ele abriu e fechou cuidadosamente a porta de treliça, temendo o ruído metálico que ela sempre fazia. E então, quase em um sussurro (como precaução caso os vizinhos pudessem ouvir), rezou aos céus por orientação no piso de terra crua na entrada. Quando a velha apareceu, ele inventou a desculpa de que gostaria de conversar algo em segredo de Saitou e ambos caminharam até os fundos da casa.

Quando seu visitante sentou-se, a senhora disse — Sinto muito. No momento, minha empregada não se encontra, — e serviu-lhe um pouco de chá. Fukiya assistia atentamente seus movimentos, ponderando quando seria o momento correto para agir. Quando a velha inclinou-se para abrir o *fusuma*[3], ele utilizou ambos os braços para estrangulá-la por trás (tomando a precaução de calçar luvas para evitar deixar suas digitais). Sem oferecer muita resistência, seu pescoço apenas produziu um rangido. Entretanto, quando ela estendeu sua mão enquanto agonizava, feriu seus dedos em um biombo dourado próximo e, como resultado, o local onde deveria estar a face de Ono no Komachi na colorida pintura dos *Rokkasen*[4] fora rasgado.

Quando confirmou que a mulher não mais respirava, Fukiya deixou seu cadáver de lado e verificou o biombo que lhe chamara a atenção. Porém, quando pensou melhor, viu que não havia por que se preocupar — isto não seria prova o suficiente para incriminá-lo. Deixando o biombo de lado, Fukiya partiu rumo ao aguardado toko-no-ma e, quando chegou, segurou o pinheiro por suas raízes e removeu-o do vaso. Como esperado, havia algo no fundo envolvido em um papel mata-borrão. Ele acalmou-se, desenrolou o item, tirou uma carteira de seu bolso direito, pôs metade das cédulas (aproximadamente 5 mil ienes) dentro dela e a guardou novamente em seu bolso. Quando terminado, envolveu as cédulas restantes no papel mata-borrão novamente e as pôs de volta ao local de onde as pegou. Obviamente, seu objetivo era ocultar o fato de que o dinheiro fora roubado. Como a velha era a única que sabia a quantia guardada, ninguém seria capaz de notar que havia apenas metade do valor original.

Como próximo passo, ele pegou um *zabuton*[5] e pressionou-o contra o peito da idosa (para prevenir sujar-se com os respingos de sangue) e, tirando um canivete de seu bolso esquerdo, abriu os dentes da mulher e esfaqueou seu peito. Então, utilizando o tecido do mesmo *zabuton*, limpou o sangue do canivete e o guardou novamente em seu bolso. Ele não poderia descartar a possibilidade de que ela fosse socorrida a tempo. Em outras palavras, Fukiya é o tipo de pessoa que reabriria uma ferida cicatrizada se isso lhe garantisse sucesso em um plano. Sendo assim, por que ele não

utilizou seu canivete de início? É simples, ele temia que seu quimono fosse manchado pelo sangue.

Bem, imagino que devo explicar-lhe sobre o canivete e a carteira onde ele pôs as cédulas. Astuto como era, Fukiya comprou ambos os itens na loja mais movimentada em um horário de pico, pagando e desaparecendo com tamanha velocidade que ninguém conseguiria lembrar-se de seu rosto. Além disso, ele atentou-se a escolher ambos os itens de marcas completamente comuns.

Por fim, após certificar-se de não haver deixado uma pista sequer para trás, Fukiya fechou cuidadosamente o *fusuma* e saiu pelo portão principal. Quando parou para amarrar seus cadarços, pensou sobre suas pegadas. Entretanto, não havia motivos para preocupar-se. O piso de terra crua era bem firme e as ruas estavam secas devido ao belo tempo que fazia. Agora, tudo o que restava era atravessar a porta de treliça e saltar para a rua. Por outro lado, se ele cometer o menor dos erros neste ponto, tudo iria por água abaixo. Apurando os ouvidos, ele pacientemente tentou ouvir os sons da rua, mas não parecia haver sequer uma alma viva nos arredores. O som mais próximo vinha das cordas de um *koto*[6] em alguma casa nas proximidades. Fukiya abriu a porta delicadamente e seguiu para a rua com a expressão de um cliente a vagar por uma loja em seu tempo livre. Como imaginara, não havia sequer uma sombra à vista.

Não importa o quanto andasse, não havia como negar que esta área residencial era deserta. A quatro ou cinco milhas de distância da casa da idosa, o muro de pedra da mansão ao lado continuava seu trajeto pela rua. Após confirmar que não fora visto por ninguém, Fukiya descartou o canivete e as luvas ensanguentadas em um buraco na parede. Quando terminado, ele decidiu caminhar pelo habitual parque pequeno. Ele passou um bom tempo sentado em silêncio, apenas assistindo as crianças a brincar no balanço.

No caminho de volta, ele passou em uma delegacia. A cena que se desenrolou foi a seguinte:

— Eu acabei de encontrar esta carteira. Como há uma grande quantia dentro, julguei melhor entregá-la.

Foram suas palavras ao entregar a carteira. Em seguida, o policial fez o habitual questionário de “onde encontrou?” e “a que horas aconteceu?” (ao qual Fukiya obviamente deu respostas aleatórias) e perguntou seu nome e endereço (Fukiya sequer pensou em mentir a esse respeito). Então, após terminar o questionário, o policial entregou-lhe algo semelhante a um recibo. Sem dúvidas, esta era uma maneira desnecessariamente tortuosa de seguir com o plano, mas, ao mesmo tempo, era a mais segura. Ninguém viria atrás desta carteira perdida. O dinheiro da velha (que, a esta altura ninguém sabia que só restava a metade) ainda estava em seu esconderijo original. Em um ano, ele estaria em suas mãos. Após muito pensar, esta foi a conclusão que Fukiya deu a seu plano. Afinal, não é como se houvesse alguém para roubar ou mudar o esconderijo do dinheiro. Apressar seus movimentos poderiam significar seu fim — seria perigoso ele andar com a quantia agora. Não apenas isso, mesmo que a velha tenha anotado quanto possuía escondido, isso não seria mais um problema (mas ele ficaria mais aliviado caso conseguisse encontrar tal nota).

— Acho que nem mesmo Buda saberia que há pessoas neste mundo que entregam a polícia algo que roubaram, — suprimindo a risada, Fukiya disse a si mesmo.

No dia seguinte, após uma boa noite de sono em uma pensão, Fukiya bocejou e, ainda em seu travesseiro, abriu a página de notícias locais do jornal. Um artigo em especial o surpreendera. Não por ser motivo de preocupações, entretanto. Muito pelo contrário — era um desenvolvimento inesperado que poderia servir a seu favor. Em uma reviravolta, Saitou, seu amigo, era considerado suspeito do crime. O motivo para tal era porque ele possuía uma quantia de dinheiro desproporcional a seu status social.

— Bem, como amigo de Saitou, imagino que seja natural ir à polícia e fazer algumas perguntas.

Fukiya imediatamente trocou seu quimono e foi à delegacia sem demora. Era a mesma onde ele entregou a carteira ontem. Por que ele não escolheu uma área diferente para dar continuidade a seu plano? Não, isso seria de uma ingenuidade enorme. Com uma expressão preocupada — e, ao mesmo tempo, a mais natural possível, sem exageros de qualquer tipo — ele pediu para ver

Saitou. Como esperado, ele não recebeu a permissão. Porém, ele ao menos foi capaz de compreender melhor o porquê da acusação contra Saitou.

A teoria de Fukiya era a seguinte:

Ontem, Saitou chegou em casa antes da empregada. Isso foi pouco depois de Fukiya deixar o local após concluir seu objetivo. Portanto, ele foi o primeiro a encontrar o cadáver da velha. Antes de contatar a polícia, entretanto, outra ideia passou por sua cabeça. Mais especificamente, o conteúdo do vaso de plantas. Se o crime foi obra de um ladrão, o dinheiro naquele vaso deve ter sido levado. Possivelmente impulsionado pela curiosidade, ele resolveu averiguar. Para sua surpresa, ainda havia um embrulho com dinheiro ali dentro. Ao deparar-se com o item, Saitou teve uma terrível ideia — algo tolo, mas nada improvável. Ninguém sabia onde o dinheiro estava escondido, e poderia-se imaginar que o assassino da velha já o tenha roubado. Tais circunstâncias podem provocar uma forte e inevitável tentação em qualquer um. Segundo a polícia, ele teria reportado o assassinato com o olhar mais inocente possível. Que homem tolo! Ele estava com o dinheiro em seu *haramaki*[7]. Aparentemente, ele não imaginava que seria revistado ali mesmo.

— Mas, espere. Qual foi a explicação de Saitou? Dependendo da situação, não poderia ser algo perigoso? — ponderava Fukiya. — Ele pode ter dito "isso é meu" quando o dinheiro foi encontrado. Como ninguém sabia quanto a velha possuía nem onde o dinheiro estava escondido, essa desculpa serviria a princípio. Por outro lado, a quantia não era um pouco alta demais para estar com ele? É possível que ele tenha dito a verdade, afinal. Ainda assim, me pergunto se o tribunal aceitará sua versão. Até que outro suspeito apareça, será difícil comprovar sua inocência. Na melhor das hipóteses, ele não será acusado de assassinato. Caso contrário… De qualquer forma, conforme ele for questionado pelo júri, os fatos começarão a ser esclarecidos. Como, por exemplo, que ele havia revelado o esconderijo do dinheiro a mim, que eu conversei com a velha no quarto dela há dois dias, e que eu era pobre e estava com problemas para pagar por meus estudos.

Bem, Fukiya já havia considerado essa possibilidade enquanto bolava seu plano. Além disso, não importa o quanto pensasse, era improvável que Saitou conseguisse revelar mais fatos que o ligassem ao caso.

Ao voltar da delegacia, Fukiya tomou o café da manhã que havia pulado (conversando sobre o incidente com a garçonete) e foi à universidade como de costume. Chegando lá, o boato sobre Saitou já havia se espalhado. Fukiya sentiu-se mais que orgulhoso de tornar-se o participante central deste ato.

Parte 3

Bem, caros leitores, se conhecem a natureza de uma história de detetives, sabem que elas não acabam desta forma. Esta não poderia ser diferente. Na verdade, tudo até agora foi apenas a premissa desta história. Como autor, é a parte seguinte que definitivamente gostaria que fosse lida. Em outras palavras, é como o crime de Fukiya foi descoberto.

O júri responsável por este caso era o famoso sr. Kasamori. Não apenas era ele um excelente júri, seus *hobbies* peculiares o tornavam ainda mais famoso. Como psicólogo amador, ele geralmente aplicava seu vasto conhecimento da área em casos onde métodos tradicionais não davam resultados. Apesar de ainda ser jovem e sua carreira estar no início, ele possuía um incrível talento para o tribunal. No caso do assassinato da velha, por exemplo, todos diziam que a resposta logo seria encontrada se estivesse nas mãos do juiz Kasamori. O próprio sr. Kasamori também pensava desta forma. Como de costume, seu objetivo era investigar profundamente este caso na audiência preliminar[8] para que não reste problema algum para ser lidado no caso de um julgamento.

Entretanto, quando o interrogatório começou, a dificuldade deste caso logo tornou-se aparente. A Delegacia de Polícia simplesmente declarou Saitou Isamu culpado. O juiz Kasamori não considerava esta alegação razoável. Nenhuma das pessoas que comprovadamente entraram ou saíram da casa da mulher — sejam elas seu devedor, inquilino ou apenas um conhecido — poderia ser considerada suspeita, apesar de muito escrutínio e um longo interrogatório. É claro, Fukiya Seiichirou era mais uma destas pessoas. A menos que outro suspeito apareça, não há escolha senão julgar Saitou Isamu, o mais suspeito, como o culpado. Não apenas isso, a maior desvantagem para Saitou é que ele é fraco por natureza. Ele estava tão temeroso a respeito da atmosfera no tribunal que foi incapaz de responder às perguntas. Ele

frequentemente mudava seu testemunho, esquecia fatos que deveria saber, fazia alegações que o desfavoreciam e, quanto mais agitado ficava, mais suspeito se tornava. Tudo isso era devido ao fato dele ter roubado o dinheiro da idosa, pois, não fosse por isso, ele não estaria agindo desta forma. Ainda assim, o sr. Kasamori não estava confiante o bastante para reconhecê-lo como o assassino. Tudo o que havia até então era a suspeita. É claro, ele não confessou, tampouco havia alguma prova.

Desta forma, um mês já havia se passado desde o assassinato. A audiência preliminar ainda não havia acabado. O júri estava começando a se apressar. Foi então que o policial encarregado do caso entregou-lhe o relatório mais recente. Não muito longe da casa da velha, uma carteira com 5.200 e algumas dezenas de ienes havia sido encontrada; embora tenha sido mais próximo da cidade, ele observou que quem a encontrou foi um aluno chamado Fukiya Seiichirou, um amigo do suspeito. Devido a um descuido do encarregado, isto só havia sido notado agora. Mas, não era estranho que ninguém havia procurado uma quantia tão alta como aquela em um mês inteiro? Por precaução, os policiais consideraram relevante reportar o fato.

Ao receber este relatório, o confuso juiz Kasamori achou que encontrara a luz no fim do túnel. Fukiya Seiichirou foi imediatamente convocado. Contudo, apesar do entusiasmo do juiz, nada parece ter mudado. Quando questionado sobre o motivo de não ter relatado a respeito do dinheiro encontrado, ele respondeu que não imaginava estar ligado ao assassinato. Havia um bom motivo para esta resposta. Como a fortuna da idosa foi descoberta no *haramaki* de Saitou, quem poderia imaginar que qualquer outra quantia, especialmente a que foi perdida na rua, fazia parte das economias da mulher?

Mas, isso era mesmo apenas uma coincidência? No dia do incidente, o melhor amigo do suspeito (que, segundo o testemunho de Saitou, também sabia do esconderijo das notas) encontra uma grande quantia de dinheiro não muito longe da cena do crime. Isso tudo não passa mesmo de uma simples coincidência? O juiz estava aflito tentando encontrar um significado em tudo isso. O que mais o desapontava é que a senhora não anotara o total de suas

economias. Caso houvesse, seria imediatamente possível afirmar se a carteira suspeita estava ou não relacionada ao caso.

— Não importa quão pequena seja, eu preciso encontrar uma pista concreta — pensava o talentoso juiz. Os interrogatórios já foram repetidos por vezes demais. Todas as pessoas ligadas à senhora também já haviam sido devidamente investigadas. Ainda assim, nenhum progresso havia sido feito. Sob tais circunstâncias, mais uma quinzena se passara.

— Há apenas uma possibilidade, — ponderava o juiz. — Fukiya roubou metade do dinheiro, escondeu o restante, pôs o que roubou na carteira e fingiu tê-la encontrado na rua.

Algo estúpido assim poderia mesmo ter acontecido? É claro, também foi realizada uma investigação na carteira, mas nada foi encontrado. Além disso, Fukiya diz tê-la encontrado enquanto fazia uma caminhada em frente à casa da idosa naquele dia. É possível que o criminoso tenha a audácia de dizer isso? Para início de conversa, a arma do crime sequer foi encontrada. A busca na pousada de Fukiya também não deu resultado algum. Por outro lado, o mesmo não podia ser dito sobre Saitou? Sendo assim, de quem deveria duvidar?

Não havia prova alguma. Como o policial disse, o mais suspeito é Saitou, pois tudo indica que ele é o culpado. Por outro lado, não há como negar que Fukiya também é suspeito. Bem, se algo foi descoberto durante esse um mês e meio de investigações é que não há outro suspeito além dos dois. Após exaurir todos os métodos, o juiz Kasamori achou que era hora de pôr a mão na massa. Ele decidiu que daria aos dois suspeitos seus tradicionais testes psicológicos quase infalíveis.

Parte 4

Quando Fukiya Seiichirou foi convocado pela primeira vez alguns dias após o incidente, descobriu que o juiz responsável pelo caso seria o sr. Kasamori, um famoso psicólogo amador. Esta pequena surpresa o deixou um pouco irritado. Ele possuía conhecimento considerável a respeito de testes psicológicos devido a certos livros que havia lido, mas jamais poderia imaginar que um deles ocorreria no Japão por causa dos *hobbies* de uma pessoa.

Após um golpe desses, ele não foi capaz de continuar frequentando a universidade sob a fachada de uma pessoa calma. Dizendo que havia adoecido, ele trancou-se em seu quarto na pousada e tentou encontrar uma forma de superar a nova dificuldade. Seu raciocínio continuava tão meticuloso e determinado quanto na época em que estava planejando o assassinato… não, talvez ainda mais.

Que tipo de teste o juiz Kasamori aplicaria? Ele não conseguia imaginar. Sendo assim, Fukiya enumerou os métodos que conhecia e tentou elaborar uma forma de contra-atacá-los. Mas, testes psicológicos são feitos para expôr falsas alegações. Falsificar respostas poderia ser uma tarefa mais difícil do que parecia.

Seguindo a lógica de Fukiya, havia dois tipos de testes psicológicos. Um que analisa reações físicas e outro que atua através de palavras. No primeiro, o interrogador fará diversas perguntas a respeito do crime, registrará as sutis reações físicas do sujeito com um dispositivo adequado e encontrará a verdade que nunca seria possível através de simples perguntas. Ele baseia-se na teoria de que humanos não conseguem suprimir alterações nos nervos. Ou seja, mesmo que uma pessoa minta, sua expressão facial ou linguagem corporal dariam um indício físico. Uma forma de realizar este teste é com a ajuda de um automatógrafo[9], por exemplo, e observar os movimentos da mão. Outra forma seria observar os movimentos dos globos oculares. Ou até mesmo analisar a profundidade e velocidade da respiração do sujeito com a

ajuda de um pneumógrafo[10]. Utilizar um esfigmógrafo[11] para medir a velocidade do pulso também era uma opção. Ou utilizar um pletismógrafo[12] para medir o volume de sangue nos membros. Um galvanômetro[13] também poderia ser utilizado para detectar suor na palma das mãos. Há ainda outros métodos, como observar a contração dos músculos ao bater no joelho.

Por exemplo, caso o dissessem "Você é o assassino da senhora", ele poderia responder "Há alguma prova disso?", mas, seu pulso poderia acelerar de forma anormal ou sua respiração poderia ficar errática. Isso seria algo impossível de prevenir. Criando algumas hipóteses, ele realizou experimentos em si mesmo. Para sua surpresa, não importa o quão terríveis ou inespera das fossem as perguntas, seus músculos não pareciam se alterar. É claro, ele não possuía dispositivos capazes de registrar as mudanças mínimas, então não havia como certificar-se, mas ele não havia sentido nenhuma mudança física em seus nervos.

Então, após muita hipótese e testes, Fukiya chegou a outra questão. Seria possível que a prática interferisse com o teste psicológico? Ou seja, se uma pergunta for feita pela segunda vez ao invés de ser a primeira, ou até mesmo se for feita uma terceira vez ao invés de uma segunda, é possível que seus nervos fiquem entorpecidos? Em outras palavras, eles poderiam se acostumar às perguntas? Considerando casos anteriores, parecia uma possibilidade. O fato de seus nervos não apresentarem alterações pode ser por ele já saber a resposta antes que ele possa fazer a pergunta.

Surge uma ideia — ele poderia usar um dicionário para anotar toda e qualquer palavra que poderia ser utilizada durante o interrogatório. Uma semana depois, ele já havia "treinado" seus nervos para acostumá-los às palavras.

O próximo passo seria prevenir-se contra o teste de palavras. Isso, porém, não era algo que ele temia. Afinal, é bem mais fácil enganar os interrogadores durante um desses. Há diversas formas do teste ser feito, a mais comum sendo a que psicanalistas utilizam em seus pacientes — o teste de associação. O interrogador dirá uma sequência de palavras aleatórias como "*shouji*[14]", "mesa", "tinta" e "caneta", e você deverá responder o mais rápido possível

com a primeira palavra que vier à cabeça. Para "*shouji*", a resposta poderia ser "janela", "entrada", "papel" ou "porta", por exemplo. Há diversas outras que também se aplicariam mas, no fim, não importa qual delas você escolha. Entretanto, em meio a estas palavras aleatórias, haverão outras relacionadas ao caso, como "faca", "sangue", "dinheiro" ou "carteira", para pegá-lo desprevenido.

A resposta de um tolo para "vaso de plantas" provavelmente seria "dinheiro", sugerindo que a maior impressão que possuía de um vaso de plantas vinha de quando roubou o dinheiro. Seria o mesmo que confessar o crime. Em contrapartida, uma pessoa sábia responderia "*Setomono*[15]", mesmo que seu primeiro pensamento tenha sido "dinheiro".

Por outro lado, há dois métodos de lidar com uma mentira. O primeiro é repetir a palavra depois de um tempo. Uma resposta natural não será alterada, enquanto uma propositalmente escolhida será mudada em aproximadamente 85% dos casos. Por exemplo, a primeira resposta para "vaso de plantas" pode ter sido "*Setomono*" e a segunda "terra".

Outro método é registrar, com o auxílio de um dispositivo, o tempo exato que o sujeito levou para responder. Por exemplo, digamos que o tempo entre a pergunta "*shouji*" e a resposta "porta" tenha sido de um segundo, enquanto o tempo entre a pergunta "vaso de plantas" e a resposta "*Setomono*" tenha sido de três segundos (embora não seja um cálculo tão simples assim), isto indicaria que o sujeito precisou de um pouco mais de tempo, pois descartou o primeiro pensamento que teve, o que era uma atitude suspeita. Esta demora pode não ser aparente, mas se tornará mais óbvia na próxima palavra aleatória.

Há ainda uma forma de recriar a cena do crime e discuti-la. Caso você seja o verdadeiro culpado, é possível que revele acidentalmente algum detalhe no momento em que a cena estiver sendo recriada, por menor que seja. (Peço desculpas aos leitores familiares com estes procedimentos pela descrição complicada que estou fornecendo. Entretanto, quando reduzi uma parte da explicação, toda a história tornou-se ambígua aos demais leitores. Portanto, temo que seja inevitável.)

É claro, este tipo de teste requer “prática”, como já descrito. Porém, o que importava para Fukiya era conseguir ser declarado inocente. Seu objetivo não era brincar com técnicas desinteressantes. A resposta mais segura para “vaso de plantas” seria “dinheiro” ou “pinheiro”. Afinal, mesmo que ele não fosse o culpado, ainda deveria saber responder à perguntas que não estivessem diretamente ligadas ao assassinato. E, como o fato de haver dinheiro no fundo do vaso foi uma forte impressão causada recentemente, seria óbvio responder desta forma, não é? (Além disso, evitaria a possibilidade de que ele se contradissesse a respeito da cena do crime.) O único problema restante era o tempo. Quanto a isso, não havia outra opção senão “praticar”. Ele não poderia correr riscos — “dinheiro” e “pinheiro” deveriam estar gravados em sua memória como as respostas para “vaso de plantas”. Fukiya passou mais alguns dias imerso nesse “treino”. Por fim, tudo estava pronto.

Por um lado, Fukiya contava com uma circunstância vantajosa. Com isso em mente, mesmo que recebesse uma pergunta inesperada, ele não teria medo em dar um passo adiante e responder, mesmo que o ponha em uma posição delicada. Afinal, Fukiya não é o único que será testado. Saitou Isamu, nervoso como é, será capaz de manter-se calmo enquanto responde a tantas questões? Provavelmente, ele teria reações similares às de Fukiya.

Conforme pensava nisso, ele gradualmente começava a ficar mais aliviado. Até mesmo lhe dava vontade de cantarolar uma canção. Agora, ele apenas aguardava pela ligação do juiz Kasamori.

Parte 5

Como ocorreu o teste psicológico do juiz Kasamori? Quais foram as reações do nervoso Saitou? Quão calmo Fukiya esteve durante o mesmo? Pouparei a narrativa repetitiva e partirei direto aos resultados.

Era o dia seguinte ao da aplicação do teste. Diante dos resultados do teste que o juiz Kasamori documentava em seu escritório estava o cartão de visita de Akechi Kogoro.

Os leitores familiarizados com o caso do "Assassinato na Colina D" sabem bem o tipo de pessoa que ele é. Após o ocorrido, ele teve seus raros talentos reconhecidos tanto por peritos quanto pelo público geral ao auxiliar na investigação de alguns casos complexos. Foi durante uma dessas investigações que ele e o juiz Kasamori se conheceram e, desde então, são bons amigos.

Guiado por uma empregada, Akechi entrou no escritório do juiz, sorrindo. Como esta história se passa alguns anos após o "Assassinato na Colina D", ele não era mais um estudante.

— Vejo que está soando o topete[16] de novo, — disse Akechi, notando o que havia sobre a mesa do juiz.

— Não, está tudo bem. Desta vez, minha resolução foi fraca demais, — respondeu o juiz, virando o corpo na direção de sua visita.

— Ainda é o caso do assassinato da velha, não é? Quais foram os resultados do teste psicológico?

Desde que o incidente ocorreu, Akechi visitava o juiz Kasamori em busca de atualizações do caso.

— Bem, os resultados são claros, — e prosseguiu. — Mas não posso dizer que estou convencido. Ontem, realizei um teste de pulso e um teste de associação, mas Fukiya mal teve reações. Houve certas dúvidas quanto ao seu pulso, mas, comparado ao de Saitou, não era nada demais. Veja isto. São as perguntas e registro do pulso. Saitou teve reações bem notáveis. O mesmo pode ser dito a respeito do teste de associação. Repare o tempo de reação à

palavra de estímulo “vaso de plantas”. Fukiya respondeu em menos tempo que às palavras aleatórias, enquanto Saitou, veja só, demorou seis segundos!

O registro do diagnóstico realizado pelo juiz é o que se segue:

Palavra de estímulo	Fukiya Seiichirou		Saitou Isamu	
	Palavra de reação	Tempo	Palavra de reação	Tempo
Cabeça	Cabelo	0,9s	Rabo	1,2s
Verde	Azul	0,7s	Azul	1,1s
Água	Quente	0,9s	Peixe	1,3s
Cantar	Canção	1,1s	Mulher	1,5s
Longo	Curto	1,0s	Faixa	1,2s
Matar*	Faca	0,8s	Crime	3,1s
Barco	Rio	0,9s	Água	2,2s
Janela	Porta	0,8s	Vidro	1,5s
Cozinha	Culinária ocidental	1,0s	Sashimi	1,3s
Dinheiro*	Notas	0,7s	Ferro	3,5s
Frio	Água	1,1s	Inverno	2,3s
Doença	Resfriado	1,6s	Pneumonia	1,6s
Agulha	Linha	1,0s	Linha	1,2s
Pinheiro*	Cânfora	0,8s	Árvore	2,3s
Montanha	Alta	0,9s	Rio	1,4s
Sangue*	Flui	1,0s	Vermelho	3,9s
Novo	Velho	0,8s	Quimono	2,1s
Ódio	Aranha	1,2s	Doença	1,1s
Vaso de plantas*	Pinheiro	0,6s	Flor	6,2s
Pássaro	Voar	0,9s	Canário	3,6s
Livro	Maruzen	1,0s	Maruzen	1,3s
Mata-borrão*	Esconder	0,8s	Pacote	4,0s
Amigo	Saitou	1,1s	Conversar	1,8s
Puro	Razão	1,2s	Palavras	1,7s
Caixa	Estante	1,0s	Boneca	1.2s
Crime*	Assassinato	0,7s	Polícia	3,7s
Satisfação	Completa	0,8s	Casa	2,0s
Mulher	Política	1,0s	Irmã	1,3s
Pintura	Biombo	0,9s	Paisagem	1,3s
Roubar*	Dinheiro	0,7s	Cavalo	4,1s

* Palavras relacionadas ao crime. Na verdade, duas ou três centenas foram preparadas e testadas. A tabela acima foi simplificada para fins de clareza.

— Ei, isso está claro demais, — disse Akechi, enquanto o juiz aguardava que ele terminasse de ler o registro. — A julgar pelo tempo, Saitou deliberadamente escolheu diversas respostas. Sei bem que uma reação mais lenta afeta não apenas a palavra em questão, mas a seguinte e, em alguns casos, até a segunda. Além disso, ele respondeu “ferro” para “dinheiro” e “cavalo” para “roubar”, o que são associações sem sentido. Sem falar que a reação mais lenta foi em “vaso de plantas”, que provavelmente seria respondido de imediato com “dinheiro” ou “pinheiro”. Em contrapartida, as respostas de Fukiya são bem naturais. “Pinheiro” para “vaso de plantas”, “escondido” para “mata-borrão” e “assassinato” para “crime”. Se ele for o culpado, haveria respostas que não seria capaz de fornecer e, além disso, suas respostas foram bem rápidas. Se ele for o culpado e tem estas reações, deve ser um tanto incompetente. Mas, na verdade… ele é um universitário. Um muito talentoso, por sinal.

— Pode-se dizer que sim.

Akechi ponderava. Enquanto isso, sem perceber sua expressão, o juiz prosseguiu com a história.

— Mas, sabe, com isso, não podemos mais suspeitar do Fukiya. Quanto a Saitou, os testes deixam bem claro que ele é o culpado, mas ainda não posso comprovar o fato. Mesmo que eu o declare culpado na audiência preliminar, não quer dizer que será o resultado final, e imagino que isso seja algo bom, mas, como você bem sabe, não gosto de me sentir derrotado. Seria uma grande tristeza ter minha teoria quebrada durante o julgamento. Por isso, ainda não sei o que fazer.

— Pensando bem, isso é interessante, não acha? — dizia Akechi com os resultados em suas mãos. — Ouvi dizer que tanto Saitou quanto Fukiya são estudiosos, mas ambos responderam “livros” com “Maruzen[17]”, é como se sua natureza estivesse emergindo. Ainda mais interessante que isso é o fato de que as respostas de Fukiya são mais materiais, enquanto as de Saitou são bem diferentes. Elas parecem poéticas, não acha? Por exemplo, as respostas “mulher”, “quimono”, “flores”, “boneca”, “paisagem” e “irmã” são as que você esperaria de um homem fraco e sentimental, concorda? Além disso, Saitou com certeza está doente. Veja, ele

respondeu “ódio” com “doença”, e “doença” com “pneumonia”. É prova de que ele teme contrair uma doença pulmonar.

— É uma forma de ver a situação. As escolhas que as pessoas fazem durante um teste de associação são bem interessantes.

— A propósito, — Akechi mudou um pouco seu tom. — Já considerou as fraquezas de um teste psicológico? De Quirós[18] criticou Münsterberg[19], defensor dos testes psicológicos, dizendo que este método foi criado como uma forma alternativa de tortura e que o resultado, como esperado de uma tortura, é que um inocente pode ser incriminado e um culpado, inocentado. O próprio Münsterberg diz que um teste psicológico só é eficaz quando há um suspeito ou algum lugar, pessoa ou item que comprovadamente tem ligação com o que se quer descobrir. Caso contrário, pode ser um tanto perigoso. Eu estar lhe falando a respeito disso pode parecer que quero ensinar um padre a rezar a missa, mas imagino que seja um ponto realmente importante. O que acha?

— Bem, isso é verdade. É uma possibilidade que pode ocorrer no pior dos casos. É claro, compreendo onde quer chegar com isso, — respondeu o juiz, com um olhar descontente. — Porém, não é algo que ocorre em todos os casos, concorda? Por exemplo, suponhamos que um homem inocente, porém, muito sensível, foi acusado de um crime. Este homem foi pego na cena do crime e conhece todos os detalhes do que ocorreu. Ele seria capaz de manter-se calmo durante o teste psicológico? “Ah, isso é para me testar. Como deveria responder para que não suspeitem de mim?” Não é normal sentir-se agitado com isso? Um teste realizado sob tais circunstâncias não seria o que de Quirós considera “culpar um inocente”?

— Está falando de Saitou Isamu, não é? Bem, eu também senti algo mais ou menos assim, então, como havia dito, ainda não sei o que pensar.

O rosto do juiz franziu ainda mais.

— Então, se Saitou não é o culpado deste caso (apesar de ser inegável que ele roubou o dinheiro), quem poderia ter assassinado a senhora…

Compreendendo as palavras de Akechi no meio de sua própria pergunta, ele perguntou bruscamente:

— Não me diga que também está atrás do criminoso?

— Exato, — Akechi dizia em meio a um sorriso. — Com base nos resultados deste teste de associação, creio que Fukiya seja o culpado. Mas, ao mesmo tempo, não posso afirmar com certeza. Imagino que aquele rapaz já tenha voltado para casa, não é? O que faremos? Seria possível convocá-lo agora? Imagino ser capaz de chegar à verdade deste caso.

— Como é? Você tem alguma prova concreta? — consideravelmente surpreso, o juiz perguntou.

Incapaz de resumir sua dedução, Akechi descreveu detalhadamente sua teoria. Ao ouvi-la, o juiz ficou completamente surpreso.

O pedido de Akechi foi aceito e uma mensagem foi entregue à pousada de Fukiya.

— Saitou, seu amigo, foi declarado culpado. Gostaria de conversar a respeito. Caso não seja muito incômodo, poderia vir à minha casa?

Tal foi a mensagem verbal entregue a Fukiya. Ele havia acabado de retornar da universidade quando a recebeu e não tardou a partir rumo à casa do juiz. Como esperado, ele estava consideravelmente feliz pelas boas novas. Tão feliz que sequer percebeu a armadilha em que acabava de cair.

Parte 6

Quando terminou de explicar brevemente por que Saitou foi julgado culpado, acrescentou:

— Sinto muito por ter suspeitado de você. Pedi que você comparecesse porque gostaria de conversar melhor sobre a situação.

Então, serviu um pouco de chá a Fukiya e começou a conversar de forma serena. Akechi também se juntou à conversa. O juiz o apresentou como um amigo advogado, enviado por um dos herdeiros da senhora com a finalidade de coletar o dinheiro. É claro, parte era mentira. Mas, como resultado do encontro de parentes, um sobrinho da senhora realmente veio do campo e recebeu sua herança.

Partindo dos boatos sobre Saitou, os três logo começaram a discutir sobre diversos assuntos. O aliviado Fukiya era o mais eloquente dentre os interlocutores.

Enquanto isso, o tempo passava e o breu da noite se aproximava cada vez mais da janela. Quando o fato chamou a atenção de Fukiya, ele começou a preparar-se para voltar.

— Bem, desculpem a pergunta, precisam de mais algo?

— Oh, quase me esqueço! — disse Akechi, animado. — Bem, não acho que importa muito, sabe? Já que tivemos a oportunidade… acredito que saiba, mas, havia um biombo dourado na cena do assassinato, só que ele está um pouco arranhado. Na verdade, ele não era daquela senhora, era apenas uma hipoteca. O dono disse que ele deve ter sido danificado durante o assassinato e deveria ser ressarcido, mas o sobrinho da senhora é igual a ela e se recusa a pagar por algo que já poderia estar danificado desde o início. É uma questão chata, não quero importuná-lo com isso. Entretanto, parece que aquele biombo é bem valioso. Como você costumava visitar aquela casa, suponho que saiba a qual biombo me refiro. Saberia me dizer se ele já estava danificado desde o início? Seria de grande ajuda. Provavelmente, você não deve ter

dado muita atenção ao biombo. Na verdade, também tentei perguntar a Saitou, mas ele estava tão agitado que mal o compreendia. Além disso, a empregada retornou ao campo e eu não conseguiria explicar bem a situação através de uma carta, então sinto-me em um beco sem saída…

É verdade que o biombo era uma hipoteca. O resto, entretanto, era uma mentira. Para todos os efeitos, Fukiya ficou surpreso ao ouvir a palavra biombo. Mas, quando ouviu até o fim e percebeu que não era nada demais, sentiu-se aliviado. “Por que estou ficando tão nervoso? O caso já está encerrado.”

Ele pensou em como deveria responder e, no fim, optou por dizer a verdade, como de costume.

— Como o senhor juiz sabe, apenas entrei naquele quarto uma vez, dois dias antes do incidente, — ele sorriu um pouco ao responder. Era extremamente divertido falar assim. — Mas, lembro do biombo. Quando eu o vi, não estava arranhado.

— Entendo. Você tem certeza, não é? Há apenas um pequeno arranhão na face de Ono no Komachi.

— Sim, sim, isso mesmo, — Fukiya respondeu como se acabasse de recordar algo.

— Era uma pintura dos *Rokkasen*, não é? Eu também lembro da Ono no Komachi. Se estivesse arranhado naquele dia, eu teria percebido. Afinal, se houvesse alguma marca no rosto colorido da Ono no Komachi, minha atenção se voltaria àquele ponto.

— Então, entendo que é um incômodo, mas, poderia fornecer um testemunho? O dono do biombo é um homem bem avarento, eu não consigo me livrar dele.

— É claro, quando ficar melhor para você.

Considerando este um de seus pontos fortes, Fukiya aceitou o pedido do suposto advogado.

— Obrigado, — contente com a resposta, Akechi agradecia enquanto brincava com seu cabelo bagunçado, um hábito que manifestava quando estava animado. — Na verdade, eu imaginava que você soubesse algo sobre o biombo desde o início. Afinal, sua resposta para “pintura” durante o teste psicológico de ontem foi “biombo”. Aqui está. A pousada não tem tantos biombos e você não parece ter amigos próximos além de Saitou, então imaginei que, por

algum motivo, o biombo daquela senhora causou-lhe uma forte impressão.

Fukiya ficou surpreso. É como o advogado disse. Mas, por que ele respondeu biombo ontem? E, ainda pior, é um pouco perigoso que só tenha percebido agora. Pensando bem, qual exatamente era o perigo? Ele não já havia examinado o biombo em busca de alguma pista? Está tudo bem, sem problemas. Pensar isso o acalmou um pouco.

Ele ainda não havia percebido que cometeu um erro óbvio.

— Entendo. Eu não havia percebido, mas tem razão. Você é um bom observador, não é? — Fukiya respondeu calmamente, sem esquecer de parecer o mais ingênuo possível.

— Nada disso, foi apenas uma coincidência, — Akechi, também, pusera a fachada de um advogado humilde. — Há outra coisa que percebi. Mas não se espante. Não é nada demais. O teste de associação de ontem continha oito palavras perigosas, mas você foi perfeitamente bem. *Perfeito até demais*. É como se você não ponderasse muito. As oito palavras estão marcadas aqui. Veja, — disse, mostrando o registro. — Falando nisso, sua reação a elas é mais rápida, mesmo que apenas um pouco, que às palavras aleatórias. Por exemplo, você só precisou de 0,6 segundos para pensar em “pinheiro” como resposta à “vaso de plantas”. Isso é peculiar. Dentre todas essas, a mais fácil de se pensar seria “azul” para “verde”[20] e, ainda assim, você precisou de 0,7 segundos para isso.

A ansiedade começava a se acumular em Fukiya. Por que diabos esse advogado estava falando sobre isso?

Isso é algo bom? Ou seria o contrário? Há algum motivo maior por trás desta conversa? Ele tentava o seu melhor para desvendar o significado de tudo isso.

— Não consigo imaginar “vaso de plantas”, “mata-borrão” ou “crime” sendo mais fáceis de responder que “cabeça” e “verde”, por exemplo. Ainda assim, você respondeu ao teste de associação com bastante velocidade. O que será que isso significa? Este é um ponto que notei. Primeiro, vamos tentar adivinhar seus sentimentos, que tal? Do contrário, não seria divertido. Peço perdão caso cometa algum erro.

Fukiya estremeceu ligeiramente. Nem mesmo ele sabia o porquê.

— Suponho que você já conhecesse os perigos de um teste psicológico e se preparou de antemão. Imaginando quais palavras teriam ligação com o crime, você bolou um plano para poder evitá-las. Não me leve a mal, não o culpo por tomar tais precauções. Um teste psicológico pode ser muito perigoso, em certos casos. Afinal, sempre há a possibilidade de *inocentarmos o culpado ou culpar o inocente*. Mas você se preparou bem demais. Suas respostas foram muito rápidas, o que, suponho, não era a intenção. Isso foi um erro terrível. Você estava tão preocupado em não tardar a responder às palavras que não percebeu que respondê-las rapidamente seria perigoso. A diferença de tempo foi pouca, então, apenas uma pessoa muito observadora perceberia. No fim, ainda houve uma falha em seu plano, — o argumento para a suspeita de Fukiya era apenas este ponto. — Ao mesmo tempo, me pergunto por que você escolheu palavras tão suspeitas como "dinheiro", "assassinato" e "esconder". A resposta é óbvia, isso seria uma prova de sua *inocência*. Se você fosse o culpado, nunca responderia "mata-borrão" com "esconder". Seria prova de que você não tem problemas em dizer palavras tão perigosas sem hesitar. E então, estou certo? Essa foi sua teoria, não é?

Fukiya encarava os olhos de seu interlocutor. Por algum motivo, ele não conseguia desviar o olhar. Ele sentia os músculos de seu nariz e de sua boca enrijecerem, incapacitando-o de rir, chorar ou demonstrar surpresa. É claro, ele tampouco conseguia falar. Se tentasse dizer qualquer coisa, sua face imediatamente se contorceria em um grito de horror.

— Essa inocência, ou seja, sua habilidade de propositalmente cair nas armadilhas, é uma característica marcante em seus planos. Como eu já conhecia seus métodos, fiz as perguntas necessárias. Hum, consegue entender? Como a história do biombo, por exemplo. Eu não duvidava de que sua resposta soaria inocente. Estou certo? Falando nisso, sr. Kasamori, sabe quando o biombo em questão foi posto na casa da senhora?

Akechi perguntou ao juiz com uma expressão fingida.

— No dia anterior ao crime, ou seja, no dia 4 do mês passado.

— O quê? No dia anterior? Tem certeza? Mas, isso não é estranho? Fukiya acabou de dizer que ele já estava no quarto dois dias antes do incidente, ou seja, no dia 3. Parece absurdo. Será que algum de vocês não se enganou?

— Fukiya deve ter se lembrado errado, — disse o juiz, em meio a um sorriso. — Posso afirmar que ele estava na casa do dono até a tarde do dia 4.

Curioso para observar a expressão de Fukiya, Akechi virou em sua direção. Seu rosto parecia com o de uma jovem prestes a chorar.

Isto era uma armadilha que Akechi planejou desde o início. Ele já havia ouvido do juiz que não havia um biombo na casa da idosa dois dias antes do incidente.

— Isso é um problema, — Akechi deixou clara sua confusão em seu tom. — Não temos como voltar e confirmar agora. O porquê de você ter visto algo que não estava lá, isto é. Você deve ter visitado aquela casa dois dias antes do incidente. Se você se lembra da pintura dos Rokkasen, não há outra explicação senão esta. Talvez, tentando dizer a verdade, você acabou mentindo. Ei, vamos fazer assim — quando você entrou naquela casa dois dias antes do ocorrido, percebeu se havia algum biombo no quarto? É claro, você deve ter cuidado com o que responderá. Bem, como isso não fazia parte do seu plano, mesmo que houvesse um biombo, seja ele colorido ou não, você não teria percebido. Portanto, é compreensível que você imaginasse que o biombo visto no dia do incidente já estaria no quarto há dois dias. Por isso, fiz a pergunta desta forma. Essa dedução é como uma espécie de ilusão de ótica, mas, se pensar bem, é algo que fazemos em nosso dia a dia. Por outro lado, se você fosse um criminoso qualquer, nunca responderia a essa pergunta. Afinal, tudo com o que eles se importam é em esconder o máximo de fatos. Isso foi muito conveniente para mim, você é dez ou vinte vezes mais sagaz que um juiz ou cidadão médio. Ou seja, acreditei que você diria a verdade enquanto eu não tocasse nos pontos vitais da questão. É uma forma de contornar seu raciocínio. Fazendo isso, alcancei o objetivo. Nem mesmo você

imaginaria que um advogado sem qualquer tipo de ligação com este caso criaria uma armadilha para fazê-lo confessar. Ha ha ha ha.

Fukiya ficou em silêncio, suor escorrendo de sua face arroxeada de pavor. Já que chegou a este ponto, seria melhor tentar justificar suas ações e implorar por perdão. Ele sabia que era eloquente o bastante para isso. Mas, estranhamente, diversos momentos de sua infância passaram por sua cabeça como um *soumatou*[21].

Um longo silêncio prosseguiu.

— Está ouvindo? — disse Akechi, após um tempo. — Parece o som de alguém escrevendo. Ah, já sei o que é! Desde o início, há alguém transcrevendo nossa conversa na sala ao lado. Sr… sinto muito incomodá-lo, mas poderia trazer o registro?

O *fusuma* se abriu e um criado entrou, trazendo consigo alguns papéis.

— Por favor, leia em voz alta.

Seguindo as ordens de Akechi, o homem leu a conversa desde o início.

— Bem, Fukiya, poderia assinar esta prova? Pode ser com suas digitais. Não é como se você pudesse se recusar, entende? Afinal, você prometeu testemunhar a respeito do biombo. Bem, imagino que você não imaginava que seria esse tipo de testemunho, não é?

Fukiya compreendia que não havia mais porquê se recusar a assinar. Ao mesmo tempo, é como se estivesse comprovando a surpreendente dedução de Akechi. Ele sentia-se na forca, como um homem que desistiu completamente.

— Como havia dito, — explicou Akechi, no fim de tudo, — Münsterberg diz que a eficácia de um teste psicológico depende de haver um suspeito, e que ele conheça um lugar, pessoa ou item ligado ao incidente. Neste caso, Fukiya viu o biombo. Caso contrário, mesmo que centenas de testes forem feitos, serão todos inúteis. Especialmente contra alguém como Fukiya, que antecipa tudo. Além disso, gostaria de acrescentar que testes psicológicos não requerem certas palavras de estímulo e máquinas específicas, como descrito nos livros — é possível realizá-lo durante uma conversa cotidiana como a que tivemos agora. Na verdade, os

testes psicológicos que aplicamos atualmente já haviam sido inventados há muito tempo por pessoas como o juiz Oooka Echizen no Kami[22], por exemplo.

---

[1]Uma espécie de alcova em estilo japonês onde itens artísticos ficam exibidos para apreciação. [N.T.]

[2]Cômodo com piso de tatamis, geralmente com portas de correr. Atualmente, são menos comuns de se encontrar. [N.T.]

[3]Painéis verticais deslizantes utilizados na arquitetura japonesa para atuar como portas ou separar cômodos [N.T.]

[4]"Os Seis Poetas Imortais". Como o nome sugere, foram seis notáveis poetas do século IX. São eles: Ootomo no Kuronushi, Ono no Komachi, Ariwara no Narihira, Kisen Houshi, Soujou Henjou e Fun'ya no Yasuhide. [N.T.]

[5]Almofada japonesa utilizada no cotidiano ao sentar-se no chão ou em uma cadeira. [N.T.]

[6]Instrumento tradicional japonês de cordas dedilhadas. [N.T.]

[7]Item de vestimenta japonesa que cobre a região do estômago. Pode ser usado por motivos de saúde ou por moda. [N.T.]

[8]Audiência onde são buscadas formas alternativas de punir um crime de menor potencial ofensivo e evitar uma Ação Penal. [N.T.]

[9]Dispositivo que consiste em uma chapa posta sobre bolas de metal e um acessório interligado à mesma, capaz de registrar o menor dos movimentos involuntários da mão do sujeito. [N.T.]

[10]Dispositivo capaz de registrar a velocidade e intensidade dos músculos do peito durante a respiração. [N.T.]

[11]Dispositivo utilizado para medir a pressão arterial. [N.T.]

[12]Instrumento capaz de medir alterações no volume de um órgão ou do corpo inteiro. [N.T.]

[13]Instrumento capaz de medir correntes elétricas de baixa intensidade ou a diferença de potencial elétrico entre dois pontos. No passado, foi usado como um método para "detecção de mentiras", pois o suor (que teoricamente indicaria que o sujeito estava mentindo) possui NaCl, possibilitando uma pequena porção de corrente elétrica. [N.T.]

*[14]*Similar ao fusuma. As principais diferenças são que o primeiro é opaco, é de moldura retangular e é utilizado no interior da construção, enquanto o segundo é translúcido, tem moldura de treliça e pode ser utilizado tanto no interior quanto no exterior da construção. [N.T.]

*[15]*Termo utilizado para cerâmica produzida nos arredores da cidade de Seto, na prefeitura de Aichi [N.T.]

[16]No original, Akechi usa uma expressão que basicamente significa "estar trabalhando muito" (no sentido de esforçar-se demais). Uma tradução literal não faria sentido, portanto, foi utilizada uma expressão com conotação semelhante neste ponto [N.T.]

[17]Possivelmente, refere-se a uma editora sediada em Tóquio [N.T.]

[18]Constancio Bernald de Quirós (1873—1959) foi um jurista, criminalista, escritor e sociólogo espanhol. [N.T.]

[19]Hugo Münsterberg (1863—1916) foi um psicólogo, filósofo e escritor alemão. [N.T.]

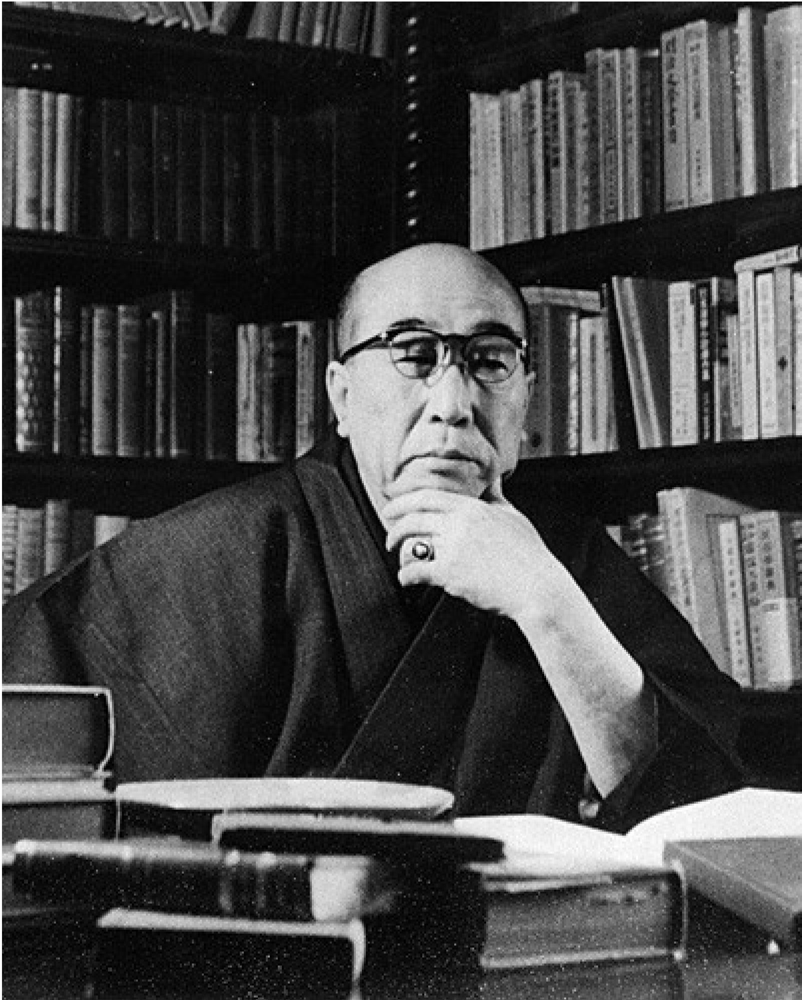
[20]Em algumas línguas, como o japonês, por exemplo, as cores "azul" e "verde" podem ser descritas pela mesma palavra. Atualmente, há palavras diferentes para ambas: 青 (lê-se *ao*) para azul e 緑 (*midori*) para verde, mas a presença de 青 para descrever algo verde ainda permanece em alguns casos. [N.T.]

*[21]*Neste contexto, é equivalente ao termo "ver a vida passando diante dos olhos". *Soumatou* é uma espécie de lanterna com duas camadas, onde a interior tem imagens esculpidas nela para que pareça estar em movimento quando a lanterna girar. [N.T.]

[22]Oooka Tadasuke (1677—1752), samurai a serviço do *shogunato* Tokugawa. Como juiz, buscava ouvir todas as queixas que o povo fazia, como no popular caso do cheiro roubado. [N.T.]

About The Author

Edogawa Ranpo



Edogawa Ranpo (por vezes romanizado como Edogawa Rampo) é o pseudônimo de Hirai Tarou (1894—1965). Foi um crítico literário e autor vital para o desenvolvimento dos gêneros de suspense e mistério no Japão. Sua obra de estreia chama-se Ni-sen Douka (A Moeda de Cobre de Dois Sen), já publicada sob seu pseudônimo, na revista Shin Seinen.

A origem de seu pseudônimo vem de um autor muito admirado por Ranpo e que, inclusive, serviu-lhe de inspiração para muitos de seus

trabalhos: Edgar Allan Poe. Acontece que a pronúncia japonesa do nome de Poe é Edogaa Aran Poo e, quando dita rapidamente, é bem similar ao pseudônimo escolhido. Mark Silver, em Purloined Letters: Cultural Borrowings in Japanese Crime Literature, 1863-1937, faz uma anotação adicional, entretanto. Os kanjis escolhidos para representar o nome do autor podem significar “Perambulando embebedado pelo Rio Edo” ou, como prefere, “Divagações Caóticas”.

Além de Poe, Ranpo era grande fã de mistérios ocidentais e seus autores em geral, por vezes fazendo referências de outras obras em seus trabalhos.

Seu legado é conhecido e apreciado até os dias atuais, tendo recebido adaptações cinematográficas de suas obras, animações, uma estátua na cidade de Nabari (onde o autor nasceu), na província de Mie e até mesmo uma premiação com seu nome: o Edogawa Ranpo Shou (Prêmio Edogawa Ranpo), evento anual administrado pela organização Autores de Mistério do Japão e patrocinado pela Kodansha e Fuji TV. O vencedor tem sua obra publicada pela Kodansha e recebe 10.000.000 ienes.